



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE SOCIOLOGIA

DÉBORA DE FARIAS SILVA RODRIGUES

**EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS SOB A
ÓTICA SOCIOLÓGICA NO ESTADO DA PARAÍBA (2018-2020)**

Campina Grande

2020

DÉBORA DE FARIAS SILVA RODRIGUES

**EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS SOB A
ÓTICA SOCIOLÓGICA NO ESTADO DA PARAÍBA (2018-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do
Curso de Sociologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Sociologia.

Orientador: Prof. Ms. Silvânia Karla de Farias Lima.

CAMPINA GRANDE

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696 Rodrigues, Débora de Farias Silva.
Evasão escolar no Brasil [manuscrito] : causas e consequências sob a ótica sociológica no estado da Paraíba (2018-2020) / Débora de Farias Silva Rodrigues. - 2020.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.
"Orientação : Profa. Ma. Silvânia Karla de Farias Lima , Departamento de Filosofia e Ciências Sociais - CEDUC."
1. Evasão escolar. 2. Educação no Brasil. 3. Educação na Paraíba. 4. Sociologia. I. Título
21. ed. CDD 371.291 3

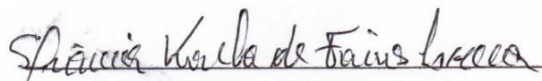
DÉBORA DE FARIAS SILA RODRIGUES

**EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS SOB A
ÓTICA SOCIOLÓGICA, NO ESTADO DA PARAÍBA (2018-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Sociologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Sociologia.

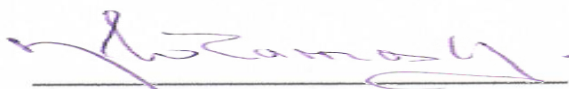
Aprovada em: 10/12/2020.

BANCA EXAMINADORA



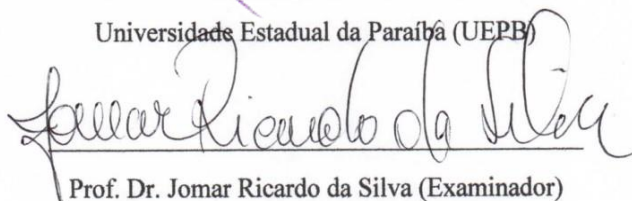
Profa. Ms. Silvânia Karla de Farias Lima (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Nerize Laurentino Ramos (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva (Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me fortaleceu e me deu forças para continuar, para ele meu agradecimento mais profundo.

Aos meus pais, Benedito Bernadino da Silva (in memoriam), e Francisca de Farias Silva, para eles meu profundo agradecimento e gratidão, pois me ensinaram o caminho da honestidade e da perseverança.

Aos meus filhos, Denison de Farias Rodrigues, Dayesa de farias Rodrigues e Dayana de Farias Rodrigues, eles são meu combustível diário e minha razão de prosseguir.

Ao meu namorado Franklin Sales, que tem sido um companheiro incansável e que tem me mostrado que eu sou capaz de galgar desafios maiores.

Agradeço a Suênia Carroline da Silva Rodrigues, minha irmã, ajudadora, amiga que tanto amo e em quem eu me espelho pela sua fé e coragem de encarar os desafios da vida.

Estendo meu agradecimento a Rosita de Farias Rodrigues, que durante esses anos de faculdade me incentivou e me ajudou de toda forma possível.

A todos os professores que colaboraram com a minha formação, e me fizeram amar a sociologia.

Agradeço a Professora Nerize Laurentino que foi fundamental no primeiro período do curso para que eu continuasse.

A Professora Waltimar Lula que sempre afirmou que a dedicação e o esforço é fundamental para conquistarmos nossos objetivos.

As minhas amigas que muitas vezes tornaram esse caminho até aqui mais leve. Obrigada, Paulinha, Yasmim e Carlinha.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF	Constituição Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério de Educação e Cultura
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PIB	Produto Interno Bruto
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WCY	World Competitiveness Yearbook

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	8
2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UM BREVE PERCURSO DOS PRIMÓDIOS À CONTEMPORANEIDADE.	10
3. ABORDAGEM ESTATÍSTICA E SOCIOLÓGICA SOBRE OS FATORES QUE CORROBORAM PARA EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL.	14
3.1. Correlação entre o racismo estrutural e o alto índice de evasão.	19
4. EVASÃO ESCOLAR NO ESTADO DA PARAÍBA NO SÉCULO ENTRE OS ANOS DE 2018 E 2020.	23
5. METODOLOGIA.	26
6. CONCLUSÃO.	27
REERÊNCIAS	28

RESUMO

EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS SOB A ÓTICA SOCIOLÓGICA NO ESTADO DA PARAÍBA (2018-2020)

SCHOOL DROPOUT IN BRAZIL: CAUSES AND CONSEQUENCES FROM A SOCIOLOGICAL AND STATISTICAL PERSPECTIVE

RODRIGUES, Débora de Farias Silva¹

O presente trabalho resulta de pesquisa bibliográfica, motivado por reflexões sociológicas advindas do processo de formação acadêmica no curso de Sociologia, mais especificamente inspirado pelo estágio que realizei na Escola Estadual Ademar Veloso da Silveira durante o período de um ano e seis meses. Procura analisar o tema *evasão escolar no Brasil: causas e consequências sob uma ótica sociológica e estatística*, fundamentando-se, portanto, em estudos sociológicos clássicos, dados estatísticos, pesquisas históricas e relatos documentais. O método de pesquisa utilizado para a construção do artigo foi bibliográfico e documental, tendo como motivo a utilização deste método a atual situação epidemiológica vivida no mundo. A análise do tema quando associada em conjunto com dados estatísticos, teses sociológicas e pesquisas históricas permite revelar as raízes da evasão escolar no Brasil, destrinchando de forma clara e objetiva suas causas, problemas e origens, a fim de que através da explanação plena do tema seja possível obter soluções contundentes para a lide. A relação entre sociologia e evasão escolar ultrapassa as barreiras do estudo realizado apenas em sala de aula, os conhecimentos obtidos durante o curso quando aplicados no caso concreto permite-nos enxergar a problemática da evasão sob uma nova ótica, revelando a partir da análise pragmática do trabalho os avanços e regressos obtidos na área.

Palavras-Chave: Evasão. Escola. Sociologia. Educação.

¹ Graduanda em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: deborarodrigues_live@hotmail.com

SUMMARY

This study is the result of bibliographic research, motivated by sociological reflections arising from the academic formation process in the Sociology course, more specifically inspired by the internship at the State School Ademar Veloso da Silveira during the period of one year and six months. It seeks to explain the issue of school dropout in Brazil: causes and consequences from a sociological and statistical perspective, based, therefore, on classic sociological studies, statistical data, historical research and documentary reports. The research method used for the construction of the article was bibliographic and documentary, having as reason to use this method the current epidemiological situation experienced in the world. The analysis of the theme when associated together with statistical data, sociological theses and historical research allows to reveal the roots of school dropout in Brazil, clearly and objectively unraveling its causes, problems and origins, so that through the full explanation of the theme it is possible to obtain compelling solutions to the dispute. The relationship between sociology and school dropout goes beyond the barriers of the study carried out only in the classroom, the knowledge obtained during the course when applied in the specific case allows us to see the evasion problem from a new perspective, revealing from the pragmatic analysis of the work the advances and returns obtained in the area.

Keywords: School dropout. Sociology. Education.

1. INTRODUÇÃO.

Segundo dados do FMI (Fundo Monetário Internacional) o Brasil ocupa atualmente a posição de quinta maior potência do mundo. Contudo, tal fato acaba por entrar em contrariedade com algumas realidades vivenciadas em nosso país, haja vista que sua posição como potência econômica não acompanha o seu desenvolvimento educacional público, apresentando este setor uma série de problemas, nos colocando, no ranking educacional, em um polo distinto da posição que o país ocupa como potência econômica, isto é, segundo dados recentes da WCY (World Competitiveness Yearbook) estamos na posição 63^o no ranking mundial de educação.

Diante disso, com o intuito de entender e explicar os fatores que nos faz estar nessa posição, o presente trabalho através de um olhar sociológico e embasado em dados de fontes seguras, promoveu uma pesquisa referente a uma dessas problemáticas educacionais, que é a evasão escolar.

A evasão escolar, como o nome autoexplicativo já nos faz subentender, é o ato de abandonar a escola, fato mais recorrente, segundo pesquisa publicada no site do IBGE em 2018, entre jovens de 13 a 19 anos. O problema é um calo que assola o sistema educacional brasileiro há anos e possui raízes profundas associadas a política educacional do Brasil, fatores socioeconômicos e ao método pelo qual nosso sistema de ensino foi estruturado.

Ademais, a partir da exploração desse tema foi possível também elencar no trabalho os principais aspectos que tangem a problemática da evasão escolar, como por exemplo as condições econômicas e sociais nas quais estão inseridas o grupo social que faz parte da estática de evasão escolar, bem como os problemas políticos referentes a educação que corroboram para que a educação brasileira retroceda nesse aspecto.

Por fim, é possível identificar também entre os tópicos abordados a infraestrutura governamental fornecida aos professores e alunos como um dos principais contextos sócio estruturais que contribuem para evasão escolar, tendo como principal objetivo dentro deste tema explicar como o ambiente ao redor do aluno colabora para a sua permanência dentro das escolas.

Diante do exposto, observa-se que o presente trabalho de conclusão de curso, mediante a exposição de dados, pesquisas históricas e referências

sociológicas, visa de forma clara e objetiva explicar o tema evasão escolar, abordando dentro deste assunto os aspectos que geram a problemática.

2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UM BREVE PERCURSO DOS PRIMÓRDIOS À CONTEMPORANEIDADE.

Inicialmente, é de suma importância que para a compreensão do tema a ser abordado no referente artigo, se faz necessário um resgate sobre a história da educação no mundo e seu desenvolvimento no Brasil até os tempos modernos, evidenciando como os fatos ocorridos no passado refletem na construção de um modelo educacional visto a partir da ótica sociológica e que culminam na evasão escolar do nosso país.

Desde os primórdios da civilização humana o processo de ensino e aprendizagem já se faziam presentes entre as tribos mais antigas, e possuíam um grande papel social na construção do saber da sociedade. Contudo, o seu objetivo era diferente da educação que temos nos dias atuais, pois seu foco era o ensino de técnicas coletivas de sobrevivência como: caça, pesca, plantio, cultura e hábitos. Não existia ainda uma instituição específica para transmitir o conhecimento, a educação era repassada pelos familiares em casa e nos ambientes comunitários através da interação social.

Nesse sentido, em consonância com o pensamento de Laraia² (2015), o qual afirma que o homem é capaz de aprender, memorizar e comunicar o seu conhecimento para outros homens e transmiti-lo para seus descendentes como uma herança sempre crescente, sintetiza-se de forma concreta a ideia de que a educação nos primórdios da humanidade era, principalmente, utilizada como forma de perdurar costumes e hábitos que visavam conservar a perpetuação daquela sociedade.

Nesse recorte feito por Laraia é curioso observar como esses saberes se perpetuavam através de séculos e como todos que faziam parte de determinados grupos tanto tinham acesso a esses códigos como também eram agentes diretos de sua construção, e não agentes passivos e receptivos.

É importante abrir um parêntese antes de prosseguir com o resgate histórico da nossa construção do saber e lembrar o grande educar Paulo Freire,

² Roque de Barros é professor emérito da UnB. Iniciou sua carreira, como antropólogo no Museu Nacional da UFRJ. É autor de *Índios e castanheiros* (com Roberto da Matta, 1967), *Tupi, Índios do Brasil atual* (1993), organizador da coletânea *Organização social* (1969) e tem inúmeros artigos publicados em revistas especializadas

pois além de ter uma obra vasta sobre o processo da construção do saber, ele corrobora com o pensamento de Laraia.

Paulo Freire (1996) discorreu sobre a importância da autonomia tanto do educando como do educador. Para ele, era imprescindível que essa construção se desse através de uma troca mútua existentes entre ambas as partes e, através da mesma o saber seria construído de maneira livre e associativa sem acúmulos de saberes rígidos propostos por currículos que não condiziam com a realidade de muitos estudantes e que conseqüentemente os levariam a abandonarem a escola por não se identificarem com esses saberes impostos por uma classe dominante que perpetuavam sua hierarquia através da sala de aula.

Dando continuidade ao contexto histórico, Harari³ (2017) afirma que o grande salto para a socialização da nossa espécie deu-se através da revolução cognitiva. Foi a partir da mesma que começamos a utilizar a comunicação e com isso a cooperação social ocorreu de forma a possibilitar o desempenho de vários tipos de aprendizados citados por Laraia, passados de uma tribo para outra permitindo assim a nossa perpetuação. Diante do exposto, compreende-se que todo o processo que culminou até a nossa completa revolução cognitiva teve início com a linguagem a qual nos possibilitou a utilização de códigos mais sofisticados e a elaboração sistemática do saber formal.

Avançando um pouco mais na história e acompanhando o desenvolvimento da educação ao longo do tempo, nota-se que com o início da idade média também ocorreu a transformação do foco educacional. Segundo a historiadora e pesquisadora Lilian Aguiar, em artigo publicado no blog Brasil Escola, os primeiros responsáveis pelo ensino das matérias como a conhecemos atualmente foram as igrejas, os professores eram clérigos de ordens menores e lecionavam as chamadas sete artes liberais: gramática, retórica, lógica, aritmética, geografia, astronomia e música, que mais tarde constituíra o currículo de muitas universidades. Nesse contexto forma-se um cenário em que os centros religiosos católicos assumiam a tarefa de disseminar a cultura e a educação no medievo, deixando um papel preponderante para o nosso legado educacional contemporâneo.

³ Yuval Noah Harari é doutor em história pela Universidade de Oxford, especializado em história mundial e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém. Recebeu o Prêmio Polonsky por Criatividade e Originalidade nas Disciplinas Humanísticas em 2009 e 2012.

Assim sendo, cada vez mais desenvolvida e com um modelo educacional consolidado, a Europa busca ramificar seu conhecimento e expandir seus ideais para outras partes do mundo, chegando ao Brasil no ano de 1522 e dando início a uma das épocas mais conturbadas da história nacional, fase conhecida como período colonial. É com a introdução do elemento estrangeiro em território brasileiro que ocorre um choque cultural que rebaixa o índio, mais à frente o negro, e enaltece a raça branca, seus propósitos e sua ganância desmedida por expansão econômica e fundiária.

Foi exatamente nesse período conturbado que os nativos tiveram contato com outras culturas existentes e o processo de aculturação teve início em nossas terras de forma imposta e cruel, desrespeitando por completo a riqueza cultural que possuíamos e introduzindo o elemento “civilizatório” de forma impositiva.

Nesse contexto, Darcy Ribeiro (2015), afirma que a igreja teve papel crucial tanto na colonização quanto na escravidão, visto que lucrava com o tráfico negreiro, contudo a justificativa dada pela mesma para converterem tantos os índios como os negros a religião católica era a tese de que estes “necessitavam da salvação de suas almas”.

Desse modo, com o objetivo de atender aos interesses colonizadores foi instaurada no Brasil a organização clerical chamada de Companhia de Jesus, com o objetivo legal de prover educação e catequizar os índios à fim de torná-los mais dóceis para, posteriormente, serem utilizados como mão de obra escrava.

Durante um pouco mais de dois séculos a educação jesuíta totalmente vinculada aos interesses colonizadores europeu foi a base educacional brasileira, que além de ser um ensino parcial e sem utilidade para a classe mais pobre, visto que a economia foi fundada com base em um sistema agrícola e escravocrata, também foi um grande divisor de classes, haja vista que esta tornava-se cada vez mais um instrumento de ascensão social ao alcance apenas da elite. Sendo assim, de acordo com o pensamento de Paulo Freire (1968), seria ingênuo acharmos que a educação introduzida no Brasil em primeira instância pelos colonizadores seria de alguma forma crítica e capaz de elucidar na mente dos oprimidos as injustiças sociais praticadas pela classe dominante.

Desta forma, estando embasado pelo contexto histórico educacional brasileiro e pela base de ensino que nos foi imposta durante décadas, é possível

a partir deste ponto discorrer com clareza sobre o tema evasão escolar, haja vista que nossa realidade atual, infelizmente, ainda carrega consigo resquícios do modelo instrucional instituído pela classe dominante, e que sem o prévio conhecimento das raízes que consolidam a nossa educação seria inviável a plena compreensão do problema que assola grande parte do ensino público nacional.

Nesse sentido, é importante iniciar a abordagem citando a correlação ainda existente entre um fato que assim como na época decrépita da colônia ocorre nos dias de hoje, o acesso ao conhecimento de qualidade ainda se concentra, de forma geral, nas classes detentoras do capital financeiro, fato perceptível ao analisar o escoramento das instituições públicas de ensino fundamental, caracterizado principalmente pela escassez de verbas destinadas a esta parte do setor educacional. Dados da OCDE, em pesquisa realizada no ano de 2018 e divulgada no site da organização, (organização para a cooperação e desenvolvimento econômico) revelam que um estudante universitário custa para o governo um valor de quatorze mil reais por ano, enquanto um estudante de ensino médio custa apenas 5 mil e quinhentos reais anuais.

3. ABORDAGEM ESTATÍSTICA E SOCIOLÓGICA SOBRE OS FATORES QUE CORROBORAM PARA EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL.

Com base na explanação feita acima sobre o proceder da educação no Brasil e vista a discrepância de investimento entre as categorias de ensino, é possível percebermos o primeiro ponto a ser discutido que corrobora para o lamentável aumento da evasão escolar nas instituições públicas de ensino médio brasileiras: a falta de investimento de verbas estatais nos espaços de ensino. Tal fato não somente compromete a infraestrutura física dos locais de estudo, como também afeta diretamente a formação da nossa base intelectual estudantil, haja vista que para o constante desenvolvimento e progresso da educação de base é necessário que docentes e alunos tenham as condições apropriadas de ensino e de aprendizado respectivamente.

Assim sendo, com o intuito de minimizar o problema, no ano de 2014, uma lei sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff colocou como meta para o governo atingir números equivalentes a 10% do PIB em investimentos na educação (Lei nº13.0055, de 25 de julho de 2014). Toda via, o último levantamento relatado pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) vem demonstrar que nossa situação não é tão animadora, pois dos 70 países analisados ocupamos a 59ª posição no que se refere a educação escolar.

Dessa maneira, seria ingênuo não percebermos que o desconforto gerado no aluno e no professor, pela precária infraestrutura ofertada nos ensinos de base do nosso país, acarretam na vontade do aprendiz em se evadir do local de estudo que o governo oferece, fazendo também com que este preencha seu tempo com atividades não relacionadas ao aprendizado escolar, e dado o contexto em que os alunos, em sua grande maioria da escola pública vivem, não é inabitual que sejam seduzidos para o mundo da criminalidade, abandonando na tenra idade a sua formação escolar que serviria para o êgide da sua vida.

As disposições facilitam ou inibem as atividades de aprendizagem, apoiam e fortalecem o desejo de aprender, estimulam o envolvimento profundo ou superficial, convidam as crianças a apressarem-se ou a movimentarem-se lentamente. Com ou sem conhecimento do professor, o ambiente envia-me mensagens e os que aprendem respondem (ZABALZA, 1998, p .233).

Com base na afirmativa supracitada é incisório que a importância do ambiente educacional influencia diretamente na qualidade da absorção do conteúdo, bem como na permanência do estudante no ambiente de aprendizado, fazendo-se necessário, portanto, um olhar mais sociológico por parte do estado no que se refere a infraestrutura de base e na destinação de verbas ao ensino médio, enxergando além de paredes e cadeiras, mas vendo aquele local como um centro formador de cidadãos críticos e componentes de um futuro que tratem a educação como égides de suas vidas profissionais.

Ademais, é de conhecimento geral que vivemos na era da tecnologia e cada vez mais a faixa etária jovem está inserida e atraída por esse mundo de informações rápidas e ao alcance de um clique, ocupando até um terço do seu dia nos computadores e smartphones, como mostra pesquisa realizada e publicada em plataforma digital pela empresa *Cuponation*⁴. Sendo assim, é indispensável que a tecnologia também esteja presente no ambiente escolar, visto que manobrada corretamente pode servir como fonte de auxílio no aprendizado do estudante bem como estimulante para a sua permanência no espaço institucional, como confirma trecho de pesquisa publicada no portal do MEC relatando que “a importância de estimular a cultura digital na escola está em proporcionar aos alunos novas formas de aprendizagem, que podem atrair mais interesse por aquilo que está sendo ensinado”.

Entretanto, ainda lutamos contra um antigo problema que persiste em impedir o progresso educativo do nosso país e que pode ser caracterizado também como vultoso fator que corrobora para a culminação da evasão escolar no Brasil, que é a corrupção e desvio de dinheiro público destinados ao sistema de ensino, como relata levantamento feito pelo MEC em pesquisa publicada no portal de informações “G1”, em que investigações apuraram um desvio de 1,2 bilhões de reais que seriam destinados ao setor.

Nesse sentido, é notório como tal problemática ainda se mostra como obstáculo determinante que afeta diretamente a questão da evasão escolar, haja vista que, como amplamente exposto no parágrafo supracitado, a tecnologia se

⁴ CupoNation é uma multinacional alemã, que faz parte do grupo Rocket Internet, fundada no final de 2012. O CupoNation funciona como um portal de cupons de descontos das principais lojas virtuais.

mostra importante aliada no combate à evasão escolar, necessitando, portanto, de um investimento estatal para sua implantação nas redes de ensino públicas, parcialmente impedido pela corrupção e desvio de verbas.

Ainda decorrendo sobre o último problema apresentado, mas a luz de uma visão sociológica, o autor Roberto DaMatta (1986) aborda o problema da corrupção não somente como culpa do estado, mas como a prática enraizada culturalmente na nossa sociedade e chamada de “jeitinho brasileiro”, hábito este que se caracteriza pelo ato do indivíduo buscar encontrar benefício próprio tirando proveito de uma situação que forneça condições para tal.

É evidente, portanto, que mais do que uma problemática ligada somente a fragilidade do sistema fiscal do nosso governo, a cultura na qual estamos inseridos também é responsável para que a perpetuação evasão escolar seja contínua, tendo em vista que os agentes públicos responsáveis pela prática da corrupção são eleitos pelo povo e portadores da cultura que o mesmo possui, pouco importando dessa forma que o dinheiro subtraído do cofre governamental seja para investimento em educação, a vontade do agente de praticar o “jeitinho brasileiro” irá se sobressair, dando início a um longo ciclo vicioso que continua a afetando negativamente o nosso sistema de ensino.

Diante do exposto, é notório que uma pequena parte da problemática abordada está ligada a partir de uma síntese entre o desvio de dinheiro público e a pouca infraestrutura presente nas escolas brasileiras. Nessa perspectiva, é preciso que seja intensificado a fiscalização dos órgãos responsáveis pela distribuição e recepção das verbas destinadas à educação através de políticas públicas, estas realizadas pelo intermédio do poder legislativo, consistindo na elaboração de leis que aumentem a sanção penal para quem comete o crime de peculato e corrupção passiva contra a verba educacional, objetivando conscientizar os infringentes pelo princípio da retribuição ao injusto presente em nossa constituição federal.

Ademais, visa-se necessário que além da implantação de políticas legislativas, o estado também invista em propagandas televisivas e palestras abertas ao público, realizadas por sociólogos, objetivando através da argumentação especializada convencer que a cultura egoísta do “jeitinho

brasileiro” precisa ser combatida, haja vista que acarreta num constante retrocesso da nossa sociedade.

Dando prosseguimento aos fatores que culminam na evasão escolar brasileira, mas sob a ótica do olhar sociológico, conseguimos ampliar nosso campo de visão e observar a realidade fora das paredes escolares, ou seja, analisar além da estrutura física do colégio, mas também a individualidade socioeconômica dos seus integrantes, visto que os capitais culturais e financeiros que rodeiam o indivíduo influenciam de forma direta na forma em que o mesmo enxerga o mundo.

Assim sendo, em consonância com o parágrafo acima é possível introduzirmos a discussão o pensamento do sociólogo Émile Durkheim (1978), o qual afirma que a educação seria a ação exercida pela geração dos adultos sobre a criança, possibilitando assim a assimilação de códigos e condutas que bem assimilados permitiram o pleno desenvolvimento de suas faculdades físicas, morais e intelectuais. Dessa forma, é válido formamos uma linha de pensamento concreta em que temos como tese central o indivíduo como fruto da influência do meio social e familiar em que está introduzido, abordando, portanto, a evasão escolar como um problema de raízes socioculturais e um pouco mais dissociada apenas da infraestrutura educacional fornecida pelo estado.

Contudo, em contraponto a ideia de Durkheim esbarramos no pensamento da pedagoga Zaia Brandão, defensora do pensamento que o fenômeno da evasão escolar está longe de ser um problema vinculado ao modo como o indivíduo é influenciado pelo meio em que vive, mas sim de que forma a escola irá exercer sua ação sobre os membros dessa família.

O fenômeno da evasão escolar e repetência longe está de ser fruto de características individuais dos alunos e suas famílias. Ao contrário, refletem a forma como a escola recebe e exerce ação sobre os membros destes diferentes segmentos da sociedade. (BRANDÃO, Zaia, 1983, p.38).

Em síntese, podemos deduzir que a problemática abordada permeia nos campos de ambos os segmentos ideológicos citados acima, visto que conforme mostram dados do IBGE sobre a educação brasileira no ano de 2020, cerca de 88.7% dos que evadem das escolas públicas são pessoas negras ou pardas com renda média de 1200 reais por família, e apresentam como justificava a

necessidade de trabalhar por necessidade financeira, além disso, aliado a essa problemática é visível uma escassez de projetos políticos que visem estimular a instituição de ensino pública na elaboração de campanhas de engajamento social nos ambientes mais suscetíveis as estáticas de evasão escolar, visando estabelecer um laço harmônico entre educadores, discentes e sociedade, afim criar uma consciência coletiva que enxergue o ambiente escolar como pilar vital na construção de uma vida.

Em continuidade aos fatores que corroboram para evasão escolar, mas ainda sobre a luz do olhar sociológico, é cabível citarmos neste texto o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu, que com seu pensamento crítico a respeito da educação, colaborou substancialmente para a modificação do olhar social a respeito da escola. Em sua tese o pensador trata o ambiente escolar como reprodutor das desigualdades sociais, ou seja, a escola apenas reproduz modelos já estabelecidos.

Assim sendo, podemos compreender que o aluno que não se encaixar em um determinado modelo pode estar fadado as fracasso escolar, pois o conhecimento socialmente valorizado é o que se aprende na escola, e na visão desse teórico a mesma só irá reproduzir uma herança cultural que na grande maioria dos casos não é tangível para todos que adentram na escola, isto é, ela transmite o que é mais valioso tido como “cultura legitima” sem levar em consideração a vivencia cotidiana e o nível de interesse em um determinado assunto que os estudantes venham a ter.

Desta maneira, observando por essa ótica é compreensível que muitos de nossos alunos não se “encontrem” no universo escolar, pois muitos deles chegam com seu capital cultural muito solidificado e precisam se adaptar a um currículo que ainda é considerado tradicional e “disciplinador”, fazendo com que o mesmo por não se identificar com o que lhe é ensinado acabe sentindo-se inadequado ao ambiente aonde ele deveria sentir-se confortável.

Os professores partem da hipótese de que existe, entre o ensinante e o ensinado, uma comunidade linguística e de cultura, uma cumplicidade previa nos valores, o que só ocorre quando o sistema escolar está lhe dando com os seus próprios herdeiros. (Bourdieu, 1988, P.55-56).

Nesse sentido, a partir da ideia proposta por Bourdieu⁵, fica claro que o aluno por si só não pode ser responsabilizado pela sua evasão escolar, mas dependendo da sua estrutura familiar e de suas condições socioeconômicas sua vulnerabilidade acentua-se e seu desempenho poderá ser comprometido. Contudo, vale salientar que o papel do professor também é fundamental para que estes jovens permaneçam em sala de aula, pois muitos veem no educador a inspiração e o modelo que falta em casa para trilhar a vida sob uma perspectiva diferenciada dos moldes concebidos na sua educação não formal.

Dados do IBGE vem confirmar o que foi exposto anteriormente, pois o último levantamento realizado para medir o índice de desigualdade social trouxe dados alarmantes do seu aumento, dados divulgados pelo instituto revelaram que apenas 1% da população brasileira são detentores de grande parcela do capital que circula no país, ou seja, uma grande parcela da sociedade está a margem e necessita de incentivos e iniciativas governamentais para auxiliá-la a superar esta estatística, porque o reflexo é sentido nas escolas com o aumento cada mais constate das evasões, seja por inadequação, desestrutura familiar, problemas socioeconômicos, entre outros.

Diante disso, torna-se inviável, portanto, resolver um problema sem buscar soluções para as raízes que estruturaram e perpetuaram a causa, pelo que foi exposto penso que o aprofundamento de estudos sobre o tema, debates, pesquisas, conscientização dos jovens e reivindicações voltadas para o melhoramento da educação, realizadas a partir do apelo público e do poder legislativo, associado ao pensamento sociológico de profissionais da área, embasando-se em teorias como a de Bourdieu e Paulo Freire, a fim de minimizar ao máximo os índices de evasão.

3.1. Correlação entre o racismo estrutural e o alto índice de evasão.

Segundo Freyre (2006) a sociedade brasileira teve sua base na agricultura; condições patriarcais entre as famílias; regularidade do trabalho escravo; união de portugueses com a mulher índia, incorporando assim a cultura econômica social do invasor. Dessa maneira, é notório que durante todo decorrer

⁵ Foi um sociólogo Francês (1930-2002), de origem campestre que desenvolveu diversos trabalhos ao longo de sua vida abordando sempre em sua obra temas como: Campo, habitus e capital cultural.

da nossa história o negro seria posto como prioridade menos essencial no desenvolvimento da sociedade brasileira, carregando consigo estigmas sociais que são refletidos intrinsecamente nos dias atuais.

Como exemplo de um desses estigmas não ficaria de fora, obviamente, a dificuldade dessas pessoas se fazerem mais presentes em espaços de ensino públicos, haja vista que o percentual afrodescendente ainda é baixo em comparação a sua população total. Tal fato tem uma explicação, e esta é consolidada nos pilares socioculturais da nossa história, como uma nação que nos libertamos da escravidão há apenas 132 anos e seria ingênuo não refletir que resquícios racistas camuflados ainda se refletem na vida do negro.

Dessa forma, embasados por uma breve explanação teórica sobre o passado do negro no Brasil, é possível compreender melhor o tema abordado neste tópico e como a correlação entre passado e presente é de fundamental importância para entendermos como o racismo estrutural tem ligação com os altos índices de evasão escolar da população negra.

Segundo o IBGE, num total de 209,2 milhões de habitantes 56,1% (117,2 milhões de pessoas) declaram-se negras classificando, majoritariamente, a população brasileira como de maioria negra. Contudo, apesar dos números acima, podemos constatar que a realidade se constitui de maneira atípica, visto que o percentual de jovens negros entre 19 e 24 que não concluíram o ensino médio, segundo senso do IBGE de 2018, correspondem a 44,2%.

É válido ressaltar que para vários especialistas como Giddens (2012), tal índice tem relação direta com as raízes históricas dessa população, isto é, a falta de identificação do negro como ambiente escolar causa uma sensação de não pertencimento com aquele local. Tal problemática decorre do fato de nosso modelo educacional ter sido construído pelo modelo preexistente europeu, o qual, por razões óbvias, não incluía em seu currículo o ensino da cultura afrodescendente, nem envolvia qualquer forma de inclusão negra, ocasionado de maneira reflexiva na evasão escolar negra tal qual a conhecemos.

Sendo assim, podemos colocar em pauta a reflexão sobre a mudança no nosso modelo curricular nas escolas, pondo em questão se realmente o atual é o mais adequado para ser utilizado. Analisando o modelo educacional que vemos nas escolas hoje, cada criança e jovem é obrigado a memorizar o mesmo conteúdo, ao mesmo tempo, na mesma proporção que todas as outras. Há

uma padronização não só de pensamento e comportamento, mas também de conhecimento, do que é considerado válido e do que não é.

Essa lógica contradiz o fato mais básico a respeito do ser humano: cada um de nós é único, tem necessidades diferentes e nutre interesses e curiosidades específicos, em outras palavras nosso modelo educacional retira da criança o poder de expressão do seu conhecimento, haja vista que o sistema está estruturado para dar holofotes para aqueles que se adequam no modelo caderno, caneta e livro, impossibilitando que outros talentos sejam avaliados.

Aplicando essa lógica sob a ótica do racismo estrutural podemos deduzir que num país como o nosso em que o racismo ainda existe de forma velada, a aplicação de um sistema de ensino padronizado aos moldes dos ideais eurocêntricos afeta diretamente na permanência do jovem negro nas escolas. Tal fato decorre de uma teoria simples explicada pela psicologia, que é o fato do ser humano ter afinidade com aquilo em que ele se sente de alguma forma representado.

Em concordância com a ideia acima, temos o pensamento de Silvio Almeida (2020), o qual relata em seu livro que o racismo estrutural constitui todo um complexo de imaginário social, que é reforçado constantemente pelos meios de comunicação, pelas indústrias culturais e pelo sistema educacional. Dessa forma, depois de anos vendo telenovelas, é comum que o conteúdo passado seja absorvido pela massa como uma autêntica representação da sua realidade, em que o negro é padronizado em sua maioria como empregado doméstico ou como um indivíduo que oscila suas personalidades entre um marginal ou uma pessoa totalmente ingênua, sendo o contraste da pessoa branca, que por sua vez é apresentada como meticolosos, racionais e líderes natos.

[...] somando-se aos conteúdos preconceituosos dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de repetência e evasão escolar elevado do aluno negro, comparativamente ao do aluno branco. (MUNANGA, 2005, p.16)

Ademais é válido ressaltar o papel da escola nesse cenário, visto que ela reforça todos os padrões acima ao apresentar um mundo em que negros e negras não tem muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins. A partir dessa explanação, compreendemos, portanto, que o

ponto crucial a ser modificado no modelo educacional para que os índices de evasão negra diminuam é o fator representação racial e combate ao racismo velado presentes nos estereótipos reproduzidos pela grande mídia, tendo em mente que de acordo com o que foi citado vê-se a necessidade instaurar um modelo de alfabetização que inclua os negros como protagonistas da nossa história, a fim de que pelo sentimento de representatividade ocorra uma permanência maior do jovem negro na escola.

Entretanto, ainda há divergências ideológicas em relação a este assunto e a parte oposta afirma que existe sim uma administração correta do conteúdo afro ministrado nas escolas, tendo em vista que a Lei 10.639/03 garante tal coisa. Porém, apesar da Lei Número 10.639/03 tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro nas instituições de ensino, a matéria é repassada sob uma ótica mais didática, apresentada apenas como cumprimento de roteiro de conteúdo, quando na verdade devia ser ministrada pelos profissionais de educação de forma diferenciada, objetivando, acima de tudo, promover uma conscientização sobre o racismo a partir da base educacional.

Em síntese, a partir do que foi exposto sobre o tópico, é notório que o racismo estrutural está atrelado diretamente com o índice elevado de evasão escolar negra. Através de um sistema educacional que reproduz os estigmas sociais o aluno negro não se sente representado em um modelo de estudo que não foi criado, historicamente falando, para a sua inclusão.

Dito isso, é necessário abordar o problema com uma visão que se distancia dos discursos propagados por autoridades executivas, que usam como tese a bandeira da meritocracia para responder todas as questões abordadas sobre o fracasso escolar. Além disso, programas de incentivo aos jovens negros que o estimulem a retornar as suas atividades escolares são de fundamental importância, tendo em mente que para a concretização plena dos direitos sociais previstos no artigo 5º da CF/88, é necessário que o espaço escolar seja um lugar eclético quanto a religião, raça e cor, devendo abranger e representar todas as diversidades étnicas do Brasil.

4. EVASÃO ESCOLAR NO ESTADO DA PARAÍBA NO SÉCULO ENTRE OS ANOS DE 2018 E 2020.

Afunilando mais o assunto deste artigo, voltamos nossa atenção para um tema que tem ganhado espaço nas discussões políticas paraibanas, principalmente no momento tão delicado que estamos enfrentando. A evasão escolar no estado da Paraíba tem sofrido uma crescente progressão nos últimos anos, ocasionada por fatores que são comuns em todo território nacional e por outros peculiares da localidade.

Em primeiro plano, é importante ressaltar que a situação referente à evasão escolar no estado da Paraíba encontra-se de forma mais agravada do que a média nacional, pesquisa publicada no site do IBGE revelam que 12% dos alunos paraibanos não são frequentadores regulares das escolas, um número realmente significativo, haja vista que este número é maior do que a média nacional de evasão escolar.

Tal fato citado acima nos faz pensar nos fatores que ocasionam o mesmo, e por que mesmo enfrentando problemas semelhantes ao de todo Brasil no âmbito escolar os índices de evasão ainda conseguem ser superior à média nacional.

Dito isso, é possível iniciar a discussão dos fatos que corroboram para que isso aconteça, dentre eles está a problemática do Covid-19. Sabemos que no ano de 2020 o Brasil e o mundo enfrentam uma batalha contra a doença que se alastrou por todo o globo de forma rápida e letal, sendo necessário que o governo brasileiro, a fim de minimizar a propagação em nosso país, estabelecesse decretos que de uma forma geral visam minimizar a propagação da doença, entre essas medidas de prevenção o isolamento social se mostrou a mais eficaz, ocasionando na suspensão das aulas em todo território nacional.

Desta forma, o estado da Paraíba passou a enfrentar um dilema educacional enorme, tendo em vista que ao seguir as medidas de segurança e suspender as aulas presenciais, também colaborava para o aumento do índice de evasão escolar, este que por sua vez já se encontra acima da média nacional.

Sendo assim, como já previsto pelos educadores, o sistema de aulas remotas estabelecido pelas escolas acabou gerando um aumento significativo no índice de evasão escolar no estado. Segundo dados da Unesco publicados

no site do “*Jornal da Paraíba*”, o principal fator que motivou esse aumento está ligado a falta de estímulo ao aluno em continuar assistindo as aulas, mesmo que de forma remota. Além disso, seria ingênuo não perceber que mesmo com as aulas presenciais precedentes a pandemia a problemática da evasão escolar já se mostrava agravada.

Dessa forma, sintetiza-se a ideia de que a situação imposta pelo Covid-19 apenas acentuou um problema que já ocorria nas escolas da Paraíba e que urgentemente necessita de uma intervenção estatal mais incisiva. Além disso, é notório que a relação entre professor e aluno ainda precisa avançar nos espaços escolares paraibanos, haja vista que o principal motivador do aluno em sala de aula é a figura do educador e a falta de estímulo em progredir com as aulas remotas foram apontados pela Unesco como um dos motivos do aumento da evasão escolar durante a pandemia.

Em prosseguimento aos fatores que ocasionam a evasão escolar no estado da Paraíba, temos que o atraso escolar se configura como relevante influenciador na desistência dos alunos, segundo estudo publicado no ano de 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 30,7% das jovens paraibanos encontram-se fora das escolas.

Segundo a pesquisa, o problema agrava-se quando o aluno alcança a fase do ensino médio, visto que, segundo a responsável pelo suplemento de Educação da Pnad, Marina Aguas, existe uma enorme pressão psicológica no estudante brasileiro sobre a importância do ensino médio, algo parecido como um divisor de águas na sua vida, definindo este como fracassado ou bem-sucedido de acordo com seu desempenho nesta fase. Por este motivo, jovens que chegam atrasado no ensino médio não enxergam perspectivas lógicas em dar prosseguimento na sua carreira acadêmica e acabam por buscar outros meios de ascensão social.

Ademais, é válido ressaltar que pela linha definida pelo Banco Mundial – e usada pelo IBGE — são considerados pobres aqueles que vivem com até US\$ 5,50 por dia, o equivalente a R\$ 406 por mês, segundo a cotação do período analisado. Para a condição de extrema pobreza, o teto é US\$ 1,90. Sob estas condições, foi divulgado pelo IBGE, em estudo publicado no site oficial da entidade no ano de 2019, um ranking que informava, em porcentagem, a quantidade de pessoas que se enquadravam no padrão de pobreza estabelecido

pelo banco mundial, tendo a Paraíba como um dos ocupantes das posições de estado mais pobre, com cerca de 37% da sua população vivendo com menos de seis reais por dia.

Diante do exposto, abrimos margem para a discussão do último problema que mais afeta a permanência do aluno paraibano na escola, que é a evasão por necessidade financeira. Seria ingênuo não perceber, por uma mera questão de bom senso coletivo, que a condição monetária é uma parte essencial na vida dos seres humanos, haja vista que possibilita a construção de um ambiente mais confortável para todos nós, alcançando muitas vezes uma importância maior que o âmbito educacional, intensificando-se ainda mais se a pessoa em questão sofrer de carência financeira.

Dessa forma, em conhecimento do prévio cenário de pobreza da Paraíba e da importância financeira na completude da vida de um indivíduo, podemos raciocinar o porquê do abandono escolar atrair tanto o jovem paraibano, estabelecendo uma linha de pensamento em que o trabalho e o sustento financeiro tornam-se necessidades mais primordiais do que a conclusão escolar, fatos que se somam ao atraso escolar e criam uma rede de desestímulos que direcionam o aluno para o caminho do abandono e busca por trabalho, visando ser a saída mais fácil e rápida para o momento.

5. METODOLOGIA.

O presente trabalho de conclusão de curso através do método de pesquisa bibliográfica e documental objetivou explicar de modo claro e objetivo os problemas relacionados a problemática da evasão escolar no Brasil. O método de pesquisa utilizado teve relação direta com as medidas de segurança as quais fomos submetidos neste novo de tempo de adaptação epidemiológica, sendo, portanto, substituída a pesquisa em campo pelo estudo do caso através de informações provindas de outras fontes de pesquisa.

Nesse sentido, através da junção de informações provindas de artigos científicos, sites do governo, revistas virtuais e autores da área de sociologia, o trabalho objetivou de forma clara e objetiva, através da exposição dos dados coletados, explicar e explicar as causas e motivações da evasão escolar no Brasil, afinando logo em seguida para o estado da Paraíba, a fim de estabelecer uma comparação com a situação nacional. Nesse sentido, através do exposto, concluímos que durante o desenvolvimento do trabalho está visível dois métodos de pesquisa utilizados, que são o método comparativo e a pesquisa bibliográfica

6. CONCLUSÃO.

Com base nos estudos realizados é possível enxergar de forma clara os desafios existentes para que o avanço da educação brasileira ocorra, tendo como um dos principais empecilhos o sistema de ensino rudimentar imposto durante a colonização do nosso país, o qual não é capaz de englobar de forma plena toda diversidade étnica e cultural que nosso país possui.

Ademais, através do estudo detalhado sobre o assunto foi possível compreender como este problema visto sob a ótica sociológica revela a dinâmica estrutural da nossa sociedade e como as características pertencentes as nossas culturas perpetuam esse problema, revelando como a segregação racial e socioeconômica que foi construída durante anos de formação do nosso país afetam diretamente a evasão escolar.

Por fim, através do reconhecimento das falhas estruturais e históricas do nosso governo, torna-se possível corrigir o problema, combatendo as desigualdades presentes na estrutura educacional do nosso país diretamente na origem de suas causas, aliando o esforço governamental a um olhar sociológico capaz de enxergar de forma mais acurada as dificuldades reais da população afetada pela evasão escolar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **racismo estrutural**. [S.l.]: Jandaira, 2020.
- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.
- BRANDÃO, Z.; BAETA, A. M. B.; ROCHA, A. D. C. D. **Evasão e Repetência no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- DAMATTA, R. **O Que faz o Brasil, Brasil?** [S.l.]: Rocco, 2009.
- DURKHEIM, E. **EDUCAÇÃO E SOCIOLOGIA**. [S.l.]: [s.n.], 2014. ISBN – 2014 ED;VOZES.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. [S.l.]: Penso, 2012.
- HARARI, Y. N. **UMA BREVE HISTORIA DA HUMANIDADE - CONVENCIONAL**. [S.l.]: L&PM, 2015.
- HOLANDA, S. B. D. **Raízes do Brasil**. 27ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- LARAIA, R. D. B. **cultura um conceito antropológico**. [S.l.]: [s.n.], 2015.
- MEC. **Site do MEC**, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32087>. Acesso em: 10 Novembro 2020.
- MUNANGA, K. As Facetas de um Racismo Silenciado. In: SCHWARCZ, L. M. **AS FACETAS DE UM RACISMO**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 220 e 221.
- NETO, P. R. **A culpa é do jeitinho brasileiro**. [S.l.]: novo século, 2014.
- OLHARDIGITAL. **olhardigital**, 2020. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/noticia/jovem-brasileiro-passa-1h30-por-dia-no-instagram-mas-quase-nao-le/86337>. Acesso em: 03 Outubro 2020.
- RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**. 3ª. ed. [S.l.]: Global Editora, 2015.
- ZABALZA, M. A. **qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: [s.n.], 1988.